

**Para uma abordagem dialetológica “estruturalista”  
do latim vulgar: Vänäänen e o método comparatista**

**(To a dialectology approach "structuralist" Vulgar Latin:  
Vänäänen and the comparative method)**

**Carlos Renato Rosário de JESUS\***

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS (UEA)

**RESUMO**

Nosso trabalho consiste em fazer uma breve análise crítica do método comparatista utilizado por diversos autores no estudo das relações entre as línguas românicas e o latim vulgar. Partindo das variações dialetológicas da língua latina ao longo de seu período de utilização, procuraremos mostrar a necessidade de um método que se preocupe em abarcar os fenômenos linguísticos do latim pós-clássico que, eventualmente, recrudescam nos romances, mas que também leve em conta os fatos do latim vulgar anteriores ao chamado latim clássico. Para isso, as idéias de Vänäänen nos serão bastante esclarecedoras.

**PALAVRAS-CHAVE**

Comparatistas. Latim vulgar. Dialectologia

\* Sobre a autor ver página 55.

**ABSTRACT**

*This work consists in doing a brief critic analysis of the comparatist method used by several authors in the study of the relationships between the Romanian languages and the vulgar latin. Starting from the dialectologist variations of the latin language along its period of usage, we aim at showing the need of a method that must be concerned in involving all the linguistic phenomena of the early latin that, eventually, appears in the medieval latin languages. This method must consider the previous facts of the vulgar latin regarding to so called classic latin. The ideas of Väänänen will be very clarifying for that.*

**KEYWORDS**

*Comparatists. Vulgar latin. Dialectology*

**1 Do começo para o fim: algumas questões introdutórias**

Algumas afirmações são tão profusamente aceitas que se nos passam quase despercebidas e fogem a um certo filtro científico ou mesmo a uma análise mais acurada. As línguas mudam. É um ponto passivo, indiscutível. Outra afirmação: existe uma língua padrão (ou *standard*) ao lado de uma variante, por assim dizer, “inferior”, “marginalizada”, não aceita socialmente. O que desestrutura a impassividade da primeira afirmação é o fato de que a pergunta que se levanta inquietantemente é “por que, onde e quando as línguas mudam?” E se as línguas estão em constante mudança, por que, então, os falantes conseguem se entender mesmo assim? E, quanto à segunda afirmação, o que determina que uma variante sobrepuje as demais variantes de uma língua? A busca de nortes para esclarecer essas questões servirá de fundamentação teórica para o que seguirá adiante, quando da abordagem entre Väänänen e o método comparatista.

Primeiramente, sabemos que a mudança linguística é o objeto de estudo da Linguística Histórica. E as motivações para a mudança são numerosas e variadas. O que se postulou desde o século XIX foi que há certa regularidade na mudança e essa opera em conjunto com fatores

linguísticos e sociais<sup>1</sup>. A variação linguística também é socialmente condicionada e o falante faz uso da variação do mesmo modo que faz uso de outros aspectos da estrutura linguística, afinal, é dentro de uma comunidade linguística que se processa toda e qualquer mudança. Vale lembrar que os neogramáticos impostaram o problema do fenômeno evolutivo da língua. Para eles, a origem das línguas pode ser pesquisada a partir das mudanças fonéticas; uma coisa é o sistema fonético-fonológico, outra coisa é a realização na cadeia da fala. Ferdinand de Saussure, neogramático, considerando o pai da Linguística moderna, fundou o que se convencionou chamar de Estruturalismo. O passo adiante dado por ele em relação aos seus colegas acadêmicos foi ter considerado que as mudanças são em função do sistema e sobre ele incidem. No capítulo III de seu Curso de Linguística Geral, Saussure trata da analogia, graças à qual a Língua tende ao sistema, já que as mudanças o condicionam, e a mudança de um elemento pode fazer nascer outro sistema. Segundo Lyons (1987), a principal contribuição que os estruturalistas e funcionalistas [Lyons considera o **Funcionalismo** como um movimento particular dentro do Estruturalismo] fizeram para a linguística histórica está na sua insistência de que cada mudança postulada em um sistema linguístico tem que ser avaliada em termos de suas implicações para o sistema como um todo. (...) O que hoje é denominado **reconstrução interna** (contrastando com reconstrução através o método comparativo) também pode ser creditado ao estruturalismo (1987, p. 196)<sup>2</sup>.

Em segundo lugar, parece não haver dúvidas de que em cada um de nós convive mais de uma estrutura linguística: os falantes se movem sempre entre estruturas diferentes e, frequentemente, criam-nas<sup>3</sup>. Dessas

<sup>1</sup> Esse é um dos princípios desenvolvidos por Weinreich, Labov e Herzog em seu livro “Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística”. Antes deles, os neogramáticos já postulavam que a evolução fonética se dá de forma regular (hipótese de regularidade ou lei de Grimm).

<sup>2</sup> A esse respeito é de opinião parecida Thomason e Kaufman (1988): “We need a methodological criterion that matches better with theoretical considerations. Here it is. As with the establishment of genetic relationship. A successful criterion for establishing external causation is possible only when we consider a language a complex whole – a system of systems, of interrelated lexical, phonological, morphosyntactic, and semantic structures. Instead of looking at each subsystem separately, we need to look at the whole language. If a language has undergone structural interference in one subsystem, then it will have undergone structural in others as well, from the same source” (p. 60).

<sup>3</sup> É o que a Linguística chama de **diassistema**, isto é, um *super-sistema* que é constituído de subsistemas parcialmente semelhantes e multiformes. O diassistema apresenta um quadro transparente das diferenças fonético-fonológicas, mas não suficiente para gerar uma comunicação

estruturas, há uma condição hegemônica de uma sobre a outra e uma estrutura de menor prestígio que seja definitivamente suplantada pela outra. O processo completo dessa tendência depende de complexos fatores sociais. A estrutura ou variante que se torna hegemônica é estandardizada, isto é, trata-se de uma variedade como todas as demais, mas que foi potencializada por um conjunto de causas de diversos tipos até se converter na empregada comumente nos meios de comunicação, nas escolas, nos organismos de administração estatal, etc. É, portanto, uma variedade que se converte em modelo para os integrantes da comunidade linguística. Segundo Trask (2004, p. 79), “o estudo dos dialetos regionais, conhecido como **geografia linguística** ou **dialetologia**, foi uma das principais áreas da linguística até o final do século XIX”. O dialeto é o outro aspecto de uma mesma língua. Não é uma língua de “segunda classe”; ele é, linguisticamente, a língua viva que evolui; é o aspecto da língua que está em contínua evolução. No terceiro capítulo do livro de Weinreich, Labov e Herzog (2006), a preocupação é em estabelecer uma estratégia para um estudo da mudança linguística que se alicerce sobre os fundamentos de um determinado modelo de estrutura linguística, cuja preocupação principal reside no problema da variabilidade dentro do sistema. Os autores descartam a possibilidade de uma dialetologia estrutural, pois o *corpus* a ser analisado não fecha. Não se podem analisar dois elementos de sistemas diferentes. Seria preciso, antes, definir os dois sistemas, depois verificar se tal e qual pontuação serviria. Por exemplo: o caso das variantes *ei* e *e<sup>4</sup>*, em latim. Seria preciso definir de onde vem cada elemento, de cada sistema, para compará-los. Depois disso, de que serviria, já que se trata de dois sistemas diferentes?

A conclusão, portanto, dos três autores supracitados é de que se faz necessária a elaboração de alguns princípios gerais para o estudo

---

inefcaz. Com efeito, é o fato de, em italiano, por exemplo, existir um certo número de sistemas linguísticos parcialmente diferentes e parcialmente semelhantes pertencentes a um mesmo **diassistema** que explica a possibilidade de dois falantes de duas variedades distintas da língua poderem se comunicar sem uma dose excessiva de dificuldade, ainda que ambos manejem exclusivamente a variedade linguística que lhes é própria.

<sup>4</sup> O exemplo nos é fornecido por Neto (1967, p. 136). A variante *ei > e* ocorre nos dialetos de Preneste, no falisco e no umbro-sabélico. No latim de Roma, a variante seria *ei > i*.

da mudança linguística, dos quais convém destacar o segundo, de uma lista de sete postulados:

A associação entre estrutura e homogeneidade é uma ilusão. A estrutura linguística inclui a diferenciação ordenada dos falantes e dos estilos através de regras que governam a variação na comunidade de fala; o domínio do falante nativo sobre a língua inclui o controle destas estruturas heterogêneas (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006, p. 125).

O que se pôde inferir a partir dessas brevíssimas constatações é que é necessário compreender o latim vulgar como um diasistema, envolto num processo de mudança linguística constante, guiado por motivos sociais e também internos e estruturais. Com isso, esperamos encontrar argumentos para justificar a validade do sistema do latim vulgar como condensador das variáveis linguísticas que conduzem tanto ao assim chamado latim clássico quanto ao também assim chamado proto-romance.

## **2 Do fim para o começo: Väänänen e os comparatistas.**

Poderíamos partir, neste item, de uma terceira afirmação comumente difundida a respeito das mudanças das línguas: a de que o latim é a língua da qual se originaram todas as línguas românicas (português, francês, espanhol, catalão, italiano, etc.). As questões que surgem a partir dessa afirmação são: O latim era uma unidade linguística definida e clara? Se não, de qual latim surgiram aquelas línguas? Se sim, como explicar as diferenças entre as línguas românicas, se pressupormos que todas partiram de uma única forma de latim?

Vamos nos deter sobre essas questões e suas implicações teóricas e metodológicas. Nesse caso, grande foi a contribuição do chamado método histórico-comparativo, pois chegou-se a uma relativa unidade do latim vulgar (LV), pelos romances. Nosso trabalho pretende juntar elementos ou, pelo menos, apontar para novas questões a

essa problemática, partindo, como referência, do latim vulgar e das concepções a seu respeito que emergem a partir do método comparatista – desenvolvido a partir do início do século XIX, particularmente com os trabalhos de Friedrich Diez<sup>5</sup> – e do método estruturalista<sup>6</sup> de Veikko Väänänen. Esse último, em seu livro “Introduzione al latino volgare”, tece algumas críticas a esse método, pois entende que o recorte do LV (entendido como ponto de partida para o proto-romance) não pode se sustentar, pois não se pode reconstruir sua unidade sobre diferentes pressupostos que já existiam na história da língua latina. Evidentemente, Väänänen não exclui a reconstituição, mas a considera hipotética até que se comprove em textos do LV. Além disso, ainda segundo Väänänen, o método comparatista desconsidera os fatos linguísticos populares que não chegaram ao romance.

Nella misura del possibile cercheremo di cogliere la lingua viva e reale. Termini come “romanzo comune” o “protoromanzo” non ci servirebbero, poiché da una parte si applicano, in linea di principio, a una forma di lingua ricostruita, dall'altra escludono lo studio di fenomeni che facevano parte del fondo popolare del latino ma che non sono sopravvissuti in romanzo (VAÄNÄNEN, 1982, p. 33).

É fato que o LV nunca foi uniforme, nunca foi estável. Por isso, não se pode incorrer no erro de considerá-lo uma unidade no período pós-clássico<sup>7</sup>, quando, após a fragmentação do império romano (século V d.C.), o LV passa a ser chamado de proto-romance. O problema dialetológico, pois, que oferece a variabilidade do LV, durante toda a sua existência, por assim dizer, é que há várias formas ou variantes

<sup>5</sup> Cf. Ilari (1992).

<sup>6</sup> Resolvemos adotar o termo estruturalista, referindo-nos às idéias de Väänänen, simplesmente por motivos estratégicos, para opor ao método histórico-comparado. Väänänen não se considera estruturalista, nem assim denomina sua abordagem acerca do latim vulgar, embora assim nos pareça.

<sup>7</sup> A maioria dos manuais de literatura latina, assim como os tratados de LV são mais ou menos unânimes em considerar o chamado latim clássico compreendendo um período de mais ou menos 100 anos (entre o segundo quartel do primeiro século a.C. e a primeira metade do século I d.C.). Consideramos o latim pré-clássico e pós-clássico os períodos imediatamente anteriores e posteriores a esse espaço de tempo, sempre lembrando que as primeiras inscrições em latim datam de meados do século V a.C.

linguísticas, não parece profícuo explicar como uma variante origina outra. Se elas são sincronicamente pertinentes, não há como fazer isso. Então, pode-se perceber que é impossível (para o que aqui se pretende) partir de “um único” latim vulgar, ou antes – como propõe o método comparatista – partir das línguas românicas para se chegar ao LV, e sim da noção de diversos dialetos (ou subsistemas se assim preferirmos), que originaram diferentes formas de romances. Ao lado dos já mencionados problemas dialetológicos do LV, existe ainda a noção de uma língua *standard*, ou padrão, literária, fixa, que se convencionou chamar de latim clássico. A imagem que nos oferece Silva Neto (1957, p. 54) esclarece bem essa visão:

Assim, as línguas românicas, em vez de constituir o ponto de partida, servem apenas de subsídio, embora precioso. Voltando a uma velha metáfora de Skutsh, é preciso lembrar que a língua viva é como um rio que nunca deixou de correr e fluir, embora, a partir de certa época, se lhe houvesse justaposto uma camada de gelo. Quem, desprevenidamente, olhar a superfície pensará que a corrente já não existe e se estagnou. Pura ilusão, porém; sob o bloco de gelo, a nascente continua a fluir, seguindo as ondulações do terreno.

Com isso em mente, é mais fácil compreender a perspectiva de Väänänen (1982), que compreende o LV desde o período arcaico, passando pelo latim clássico, até os primeiros textos em romance, sem excluir as variações sociais nem regionais. Ou seja, parte de onde termina a abordagem comparatista. Para esse autor, o recorte do LV, ou proto-romance, por tal método, não pode se sustentar, pois não se pode reconstituir sua unidade sobre diferentes sobrepostos que já existiam no LV pré-clássico, além de não ser muito eficaz desconsiderar os fatos linguísticos populares que não chegaram ao romance. O próprio Silva Neto reconhece que

O problema da reconstituição do latim falado é uma tarefa em que devem colaborar latinistas e romanistas. Mas a base desse trabalho não pode ser uma reconstituição teórica, feita sob a

medida das línguas românicas, mas uma reconstrução lenta e segura que leve em conta, principalmente, os dados colhidos em textos de toda sorte (1957, p. 53).

Em contrapartida, tanto Maurer (1962) quanto Ilari (1992) adotam o método comparatista. O primeiro o faz com ressalvas:

Como fica dito, visamos a uma reconstrução do latim vulgar pelo método comparativo. Sabemos que ele não está muito em voga no momento. Como observa Robert Hall, em artigo a que nos referimos mais adiante, os romanistas modernos, com algumas exceções, abandonaram mesmo a tentativa de reconstruir o proto-romance. Há certa desconfiança do método comparativo para a reconstrução de uma fase linguística antiga. Mas – procuramos demonstrá-lo no desenvolvimento dos capítulos subsequentes – quando usado com critério, sem que se exija dele mais do que pode oferecer, o método comparativo é de valor inestimável, porque nos revela um estado linguístico inteiramente inacessível por outros meios. Mesmo quando se trata do latim, onde há fontes documentais antigas, textos literários e epigráficos, informações de gramáticos e críticos, o método comparativo, no que tem de mais seguro e indiscutível nos seus resultados, nos leva a descobrir formas linguísticas sobre as quais todos os documentos antigos mantêm um silêncio só fragmentariamente rompido por lapsos involuntários ou por um interesse muito limitado em fenômenos aberrantes do que se julgava ser o verdadeiro latim (MAURER, 1962, p.10).

Sobre essa citação, consideramos que, se a reconstrução do latim vulgar é, em todos os aspectos, hipotética<sup>8</sup>, mesmo com todo o rigor do método comparativo; por que, então, não nos basearmos em algo que pode ser mais consistente que a hipótese e nos determos sobre os textos latinos e a eles dar a voz necessária de um *corpus* que permita estudar o LV de forma mais consistente?

Ilari (1992, p. 22) é menos concessivo e afirma que “as línguas românicas tomadas em seu conjunto numa visão comparativa são a melhor fonte para o conhecimento de sua própria origem, um fato que

<sup>8</sup> Cf. Väänänen, (1982, p. 57).

ressalta quando se leva em conta a precariedade das fontes escritas do latim não literário”. É bem verdade que as fontes do LV são escassas, mesmo assim, segundo Bassetto (2005, p. 110), “a reduzida cultura ortográfica, a distração, a negligência e até a busca de possíveis efeitos estilísticos do escrevente, nos legaram uma considerável quantidade de informações que permitem uma reconstituição razoável do latim vulgar”.

Por isso, podemos ter como fontes documentos e inscrições que datam desde o início do século VII a.C. até a metade do primeiro século a.C. (quando temos os numerosos documentos do latim clássico, literário) passando pelo latim pós-clássico, que vai da metade do primeiro século d.C. até o ano 200 mais ou menos, até o chamado latim tardio, do ano 220 até o aparecimento das línguas românicas<sup>9</sup>. Durante esse longo período, o que podemos considerar como fontes relativamente confiáveis do *sermo vulgaris* se encontram<sup>10</sup>:

- a) nos gramáticos latinos: muitos foram os gramáticos que procuravam denunciar a pronúncia ou formas erradas assim julgadas por eles. Entre eles podemos citar Ápio Cláudio (séc. II a.C.), Varrão, Cícero, Quintiliano, Donato e Prisciano (séc. VI d.C.). Particularmente interessante é um texto possivelmente da era cristã, erroneamente atribuído a Probo (séc I d.C.), o *Appendix Probi*, que relaciona e corrige 227 palavras e expressões que estariam sendo corrompidas pelo uso comum;
- b) nos glossários latinos: trata-se de comentários ou vocabulários rudimentares de palavras e construções, feitos por copistas sobre os textos clássicos que pudessem causar alguma dificuldade ao leitor do tempo corrente;
- c) nas inscrições latinas: epitáfios, grafites, fórmulas cabalísticas etc. Destaque para as inscrições de Pompéia e Herculano;
- d) nos autores latinos arcaicos, clássicos e pós-clássicos: O estilo mais relaxado e coloquial de alguns autores, com a intenção de maior expressividade popular (no caso de Plauto e Terêncio, comediógrafos da antiguidade romana), seja por motivos estilísticos (como algumas poesias de Catulo e Horácio no período clássico); Cícero, epistológrafo, também usa de mais

<sup>9</sup> Cf. Väänänen (1982, p. 44-48).

<sup>10</sup> Cf. Väänänen (1982, p. 49-59); Bassetto (2005, p. 116-138); Silva Neto (1957, p. 99-124).

- coloquialidade nas suas cartas. Por fim, também encontramos mais exemplos de LV nos textos de Petrónio (*Satyricon*);
- e) nos tratados técnicos: destaca-se Catão (séc. II a.C.) possuidor de uma escrita mais próxima do que seria o LV. Sua obra, *De agri cultura*, é desprovida dos rigores gramaticais da erudição latina e forjada com diversos elementos populares;
- f) nas histórias e crônicas: obras que, a partir do séc. VI, surgem sem pretensão literária, carregadas de vulgarismos e reminiscências clássicas;
- g) nas leis, diplomas, cartas e formulários: são documentos, especialmente dos visigodos, que apresentam uma mescla de elementos populares e reminiscências literárias. As vantagens desse tipo de texto é que são desprovidos das correções e corrupções que alteram os textos literários;
- h) nos autores cristãos: destaque para a *vetus latina*, na era cristã evidentemente, que era uma espécie de versão popular da Bíblia.

Em última análise, a reconstituição do latim vulgar através do estudo comparativo das línguas românicas é também forte elemento que revela as principais transformações do latim falado, como a passagem do ritmo quantitativo para o ritmo acentuativo, o quase abandono das declinações, a perda de certas formas do sistema verbal, etc. No entanto, Väänänen (1982) acredita que as formas obtidas pelo método comparativo não possuem outro valor que de hipótese, até que sejam atestadas nos textos antigos. Não se pode pretender reconstruir todo o LV com o comparatismo, pois existem certos elementos populares que, por uma razão ou por outra, não foram transmitidas às línguas dos romances, como, por exemplo, a forma do genitivo singular em *-aes, -ēs* (no lugar de *ae*) atestada epigraficamente: *Benni-aes Sabin-aes; Januari-aes; Rom-es, Secund-es*, etc<sup>11</sup>. Em outras palavras, se nos restringirmos ao método comparativo, deixaremos de fora fatores linguísticos indubitavelmente presentes no LV, mas que não encontram forma (ou possível forma) na reconstituição do proto-romance, somente pela comparação das línguas românicas. Mesmo assim, Väänänen admite que

<sup>11</sup> Cf. Väänänen (1982, p. 58-59 e 192). Os exemplos citados pelo autor correspondem ao *CIL III (Corpus Inscriptionum Latinarum)*. Os demais textos ilustrativos daqui por diante foram todos retirados do livro de Väänänen (1982, p. 285ss.).

È tuttavia indiscutibile che Il método comparativo, malgrado le restrizioni che si impongono a questo proposito, arricchisce e precisa le nostre conoscenze del latino volgare. Per un latinista della vecchia scuola, un *quouis* (*cuius*), -a, -um di Plauto, che riappare appena in Virgilio e Cicerone in contesti particolari, meritava tutt'al più il titolo di **arcaismo**; ora, La testimonianza delle lingue romanze (log. Kuyu, spagn. *cuyo*, port. *cujo*) restituisce a questa parola la vita che i monumenti scritti le rifiutano. Lo studio delle lingue romanze ha soprattutto reso dei preziosi servizi ai filologi, aiutandoli a **riconoscere come giusta e a conservare più d'una forma popolare di testi che gli editori di ieri avevano creduto di dover correggere**. (VÄÄNÄNEN, 1982, p. 58), (grifo nostro).

O autor acredita que não seria justo aplicar o termo “arcaísmo” a certas ocorrências de certos termos em alguns autores latinos (como Virgílio), porque o método comparativo mostrou que o que acontecia em Plauto, por exemplo, também ocorreu no latim pós-clássico, já que é aí que se origina o proto-romance. Ou seja, o que é considerado arcaísmo por alguns nada mais é do que a língua viva e fluente – restrita quase sempre à oralidade – que continua aparecendo esparsamente na linguagem escrita.

Podemos inferir acerca de tudo o que foi dito que se os mesmos fenômenos, ou processos linguísticos, que ocorriam no LV pré-clássico também ocorreram no LV pós-clássico (proto-romance) e que, na comparação entre cada um deles com o latim clássico, também observamos os mesmos fenômenos, isso quer dizer que há algo subjacente. Tentaremos esclarecer melhor essa inferência extraindo alguns exemplos, meramente ilustrativos, dos textos abaixo, do LV pré e pós-clássico, respectivamente.

### TEXTO (pré-clássico):

- 1 L. CORNELIO L. F. SCIPIO AIDILES COSOL CESOR
- 2 HONC OINO PLOIRVME COSENTIONT R(omai)
- 3 DVONORO OPTVMO FVISE VIRO
- 4 LVCIOM SCIPIONE FILIOS BARBATI
- 5 CONSOL CENSOR AIDILIS HIC FVET A(pud vos)

- 6 HEC CEPIT CORSICA ALERIAQVE VRBE  
 7 DEDET TEMPESTATEBVVS AIDE MERETO(d)  
 (Muro de Pompéia, epitáfio de Cornélio Cipião, cônsul em 259  
 a. C. (CIL I, 8, 9))

### Reconstituição para o latim clássico:

- 1 L. Cornelius L(ucii) f(ilius) Scipio aedilis consul censor.
- 2 Hunc unum plurimi consentiunt Romae
- 3 bonorum optimum fuisse virorum
- 4 Lucium Scipionem. Filius Barbati
- 5 consul censor aedilis hic fuit apud vos.
- 6 Hic cepit Corsicam Aleriamque urbem,
- 7 dedit Tempestatibus aedem merito.

### Principais fenômenos:

e = ĭ: aidīles<sub>1</sub> (mas aidīlis<sub>3</sub>); fuet<sub>5</sub>; hec<sub>6</sub> (mas hic<sub>5</sub>); dedet<sub>7</sub>; tempestātebus<sub>7</sub>; meretō(d)<sub>7</sub>; -is no lugar de -es (acus. plur. III decl.) é normal na poesia não somente arcaica. Cf. Virgílio.

o = ū: Cornelio(s)<sub>1</sub>; cō(n)sol<sub>1</sub>; honc<sub>2</sub>; oinom(m)<sub>2</sub>; cō(n)sention<sub>2</sub>; duonōro(m)<sub>3</sub>; optumo(m)<sub>3</sub>; viro(m)<sub>3</sub>; Lūciom<sub>4</sub>; filios<sub>4</sub>; cōnsol<sub>5</sub>;

ai = ae: aidīles<sub>1</sub>; aidīlis<sub>3</sub>; aide<sub>7</sub>;

oi = ū: oino<sub>2</sub>; ploirume<sub>2</sub> (mas Luciom<sub>4</sub>, com redução do ditongo);

ē intermediário entre ei e ī: ploirumē<sub>2</sub>

**Queda do -m:** oino<sub>2</sub>; duonoro<sub>3</sub>; optumo<sub>3</sub>; Scipione<sub>4</sub>; Corsica<sub>6</sub>; Aleria<sub>6</sub>; urbe<sub>6</sub>; aide<sub>7</sub>.

**Queda do -s:** Cornelio<sub>1</sub>.

**Queda de n diante de s:** cosol<sub>1</sub>; cesor<sub>1</sub>.

### TEXTO (pós-clássico): alguns termos do *Appendix probi*

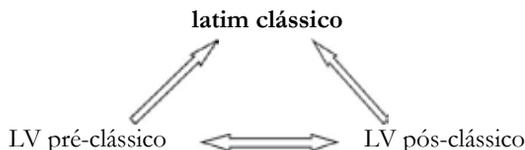
- *Vulpes non vulpis* e = i
- *Aquaeductus non aquiductus* ae = i
- *Sobrius non suber* o = u; i = e; us = Ø
- *Ansa non asa* queda do n diante de s
- *Olim non oli* queda do m
- *Idem non ide* queda do m

Em síntese:

LV Pré-clássico	Latim Clássico	LV Pós-clássico
e = i	dedit / vulpes	e = i
o = ū	hunc / sobrius	o = ū
ai = ae	aedilis	
	aquaeductus	ae = i
oi = ū	plurimi	
ē intermediário entre eī e ī <sup>1</sup>	plurimi	
Queda do -m	optimum / olim	Queda do -m
Queda do -s	Cornelius	
Queda de n diante de s	consul / ansa	Queda de n diante de s

-1 Cf. nota 5, p.48.

Evidentemente, esse apanhado de palavras serve somente para demonstrar muito sucintamente o que queremos atestar: fica evidente que os fenômenos linguísticos são, em alguns casos, os mesmos tanto no LV pré quanto no LV pós-clássico. Com isso, nada garante que não haja outras ocorrências fonéticas das línguas românicas que só encontram par no LV pré-clássico e, por isso mesmo, ignoradas pelo método comparativo, o qual, além disso, pelo fato de terminar onde a abordagem de Väänänen começa (a comprovação nos textos de toda espécie e em todos os períodos) pode levar a crer que as variantes encontradas no LV pós-clássico advêm ou são formas divergentes do latim clássico, quando, na verdade, é o latim clássico que é uma adaptação literária, culta e estandardizada advinda do LV. O fluxo seria mais ou menos assim:



Algumas questões ainda emergem a partir das constatações acima: se o romance é uma evolução do latim, então como, por quais regiões e em que época a diversidade local foi “subjugada”? Além disso, ainda se poderia, em se tratando do português, verificar a história da expansão

romana na Península Ibérica, comparar os textos dessa época (LV com o L. Clássico) com o português, a fim de verificar as nuances que ainda possam deixar dúvidas em sua formação. Mas isso é um trabalho a ser feito em outra oportunidade.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BASSETTO, B. P. **Elementos de Filologia Românica: história externa das línguas**. São Paulo: Editora da USP, 2005.

ILARI, R. **Linguística românica**. São Paulo: Ática, 1992.

LYONS, J. **Linguagem e linguística**. Rio de Janeiro: Guanabara-Koogan, 1987.

MAURER JR., T. H. **O problema do latim vulgar**. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1962

SILVA NETO, S. da. **História do latim vulgar**. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1957.

SAUSSURE, F. **Corso di linguistica generale**. Introduzione, traduzione e commento di Tullio De Mauro. Roma: Editori Laterza, 1995.

THOMSON, S. G.; KAUFMAN, T. **Language contact, creolization, and genetic linguistics**. Los Angeles: Berkeley; London: University of California Press, 1988.

TRASK, R.L. **Dicionário de linguagem e linguística**. São Paulo: Contexto, 2004.

VÄÄNÄNEN, V. **Introduzione al latino volgare**. Traduzione di Annamilla G. Silvestri. Bologna: Pàtron Editore, 1982.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

*Recebido em 15/10/2007.*

*Aprovado em 19/11/2007.*

## **SOBRE O AUTOR**

**Carlos Renato Rosário de Jesus** Mestre em Linguística na área de Letras Clássicas, pela Unicamp. Pesquisador do grupo de pesquisa Cátedra Amazonense de Estudos Literários - UEA e do grupo de pesquisa Estudos Clássicos – UFAM. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em latim, atuando principalmente nos seguintes temas: educação, ensino, gramática, latim. E-mail: carlosrenator@yahoo.com.br